

SUPER AUDIO CD

## SACD veio para ficar

O futuro do Super Audio CD adivinha-se risonho com o anúncio oficial do lançamento de novas edições e o golpe de rins da maior parte dos fabricantes japoneses que «universalizaram» à pressa os seus modelos para reproduzir SACD e não apenas os DVD-Audio do nosso descontentamento



Opus, o «surround» no estado puro

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

A RECENTE EDIÇÃO EM SACD DA OBRA INTEGRAL dos Rolling Stones foi apenas o começo. Segue-se a edição comemorativa dos 30 anos dos Pink Floyd, com «Dark Side of The Moon» (a data do lançamento passou agora de 3 para 24 de Março).

No primeiro caso, respeitaram-se escrupulosamente os registos originais em mono ou estéreo. Mas «Dark Side of The Moon» parece ter sido concebido como uma autêntica antevisão do som multicanal. Já pensaram em «Money» ou «Us and Them» em «surround»? Pois é isso mesmo que vamos ter. A remasterização em 5.1 canais foi efectuada por James Guthrie, deixando Alan Parsons à beira de um ataque de nervos. Citado pela «High Fidelity Review», Parsons terá dito a propósito de ter sido preterido: «To say that I am angered by that would be an understatement...». Segundo a namorada, em privado ele foi bem menos diplomático...

A «High Fidelity» soube ainda que será simultaneamente editado um CD (e um LP!). Não é por acaso que o famoso engenheiro de som Doug Sax está envolvido no projecto. Mark Collen, da EMI, comentou a propósito da mais esperada reedição de todos os tempos: «É o disco ideal para demonstrar as potencialidades do Super Audio CD, que capta todas as subtis nuances da trama musical dos Floyd».

Aliás, praticamente todas as novas edições SACD vão ser em formato multicanal. A Naxos lançou recentemente os Creedence Clearwater Revival. A Universal tem pronto o fabuloso «Dreams&Fables, Italian Arias», com Cecilia Bar-

tolli (Decca); o Requiem, de Mozart, pela Filarmónica de Berlim, com Karajan (DGG); o Concerto de Ano Novo 2002, pela Filarmónica de Viena, com Ozawa (Philips); e as Sonatas de Schubert, por Mitsuko Uchida. Para quem gosta, até o Andrea Bocelli vai ser editado em multicanal («Sentimento»). E «Look Of Love» e «When I look in your Eyes», da diva Krall, estão já na minha «short list». Ainda e sempre em multicanal vem aí «Up», o novo disco de Peter Gabriel (Geffen): «Lembro-me da primeira vez que coloquei uns auscultadores para ouvir som estéreo», diz Peter Gabriel. «O Super Audio CD em surround dá-me hoje a mesma excitante sensação. Muito do meu trabalho consiste em pinturas acústicas complexas que tornam difícil ouvir tudo o que lá está. Com o SACD é possível colocar as pessoas dentro da minha música», acrescentou Peter Gabriel.

Também apazado para esta Primavera está «Every Breath You Take» dos Police (A&M). Para quando os Supertramp «Live in Paris»? pergunto eu. E ainda «Just Like You», de Keb Mo. O fabuloso «The Door» que estou a ouvir num Musical Fidelity Tri-Vista enquanto vos escrevo é em estéreo (gan' da som!). Mas desta vez vou estar no meio da banda de Keb Mo que tive o privilégio de ouvir ao vivo e em privado em Nova Iorque.

Curiosamente, a integral dos Police («Ghost in the Machine», «Reggatta de Blanc», etc., até «Zenyatta Mondatta») e de Peter Gabriel (1, 2, 3, Live, etc. até «Us») serão editados em SACD-estéreo. Tal como (estão sentados?) «Folksinger», de Muddy Waters. Em estéreo puro, serão editados os 15 SACD com a obra de Bob Dylan, que vão aparecer lá para Maio no mercado e respeitarão

religiosamente os originais: «Free Wheelin'»; «Another Side of Bob Dylan»; «Bringing It All Back Home»; «Highway 61 Revisited»; «John Wesley Harding»; «Nashville Skyline»; «Blood On the Tracks»; «Desire»; «Slow Train Coming»; «Infidels»; «Oh, Mercy»; «Time Out of Mind»; «Love and Theft»; «Royal Albert Hall» e «Street Legal». Caramba, só de ler um homem saliva como o cão de Pavlov.

Por enquanto, o estéreo resiste mas é óbvia a tendência para nos «rodear» de música. Será que o estéreo vai acabar a curto prazo? O leitor-SACD estéreo purista Musical Fidelity Tri-Vista, que tenho em fase avançada de análise, vem relançar o debate sobre as virtudes e desvantagens do «surround» quando aplicado a música sem suporte visual.

Não há nada de mais irritante que ter os pratos de uma bateria voando à nossa volta como um bando de corvos; o guitarrista com as oitavas divididas entre o palco e a plateia; ou a cantora postada à nossa frente e o coro atrás de nós. Também é verdade que durante anos nos habituámos a ter o público atrás do palco e não à nossa volta. O «surround» veio colocar o público no seu lugar e, tal como acontece em alguns espectáculos ao vivo, dá-nos ainda o raro privilégio de sermos convidados a subir ao palco e sentarmo-nos no meio dos músicos ou ficar na plateia rodeados de palmas. A editora Aix, por exemplo, oferece (em DVD-Audio) duas perspectivas acústicas diferentes: colocação virtual do ouvinte no palco ou na plateia. Basta carregar na tecla Audio do leitor-DVD.

Mas os engenheiros de som vão aprendendo com os erros e o multicanal usado com mestria é uma experiência acústica maravilhosa. O

principal problema situa-se na correcta «distribuição» da música pelos 5.1 canais. A qualidade da coluna central é normalmente «abaixo de cão» nos sistemazecos AV. E o maldito «subwoofer» rosna e morde mesmo quando bem alimentado. A «gestão de graves» também conhecida como «bass management» e a partilha das vozes solistas entre as colunas da frente e a central são o mal do século.

David Chesky, da editora Chesky, encontrou a solução: eliminou a «central» e o «sub» e aproveitou os canais para transmitir a «noção de altura» por duas colunas laterais extra, deixando tudo o resto a cargo dos pares frontal e traseiro. A editora Opus simplificou ainda mais a questão: eliminou pura e simplesmente o canal central e o «sub» e utilizou o par traseiro apenas para reproduzir os reflexos do som principal captados pelos microfones estéreo montados numa configuração Blumlein (cruzados a 90°).

O «Test CD 4 Hybrid Multichannel SACD», da Opus (na foto), tem o menos espectacular (é preciso quase encostar o ouvido às colunas traseiras para as ouvir tocar) mas também o mais puro dos sons «surround» que ouvi até hoje. É exactamente assim que se ouve nos concertos ao vivo: os músicos estão no palco, e é de lá que vem toda a música, enquanto à nossa volta se «ouve» apenas a sala e o seu recheio acústico, público incluído. Aparentemente, é um desperdício de meios (processamento, amplificação, cabos, colunas) mas basta desligar o sinal que vai para os canais traseiros para perceber a falta que fazem. «The times they are a changin'», já cantava Dylan. ■

jvhsom@netcabo.pt